

A TRAJETÓRIA DE HELENICE RODRIGUES DA SILVA (1947-2013) E A PRÁTICA DA HISTÓRIA INTELLECTUAL NO BRASIL

Diogo da Silva Roiz¹

Resumo: este texto procura apresentar sinteticamente a produção de Helenice Rodrigues da Silva, com vistas a destacar sua importância para o fomento e a prática da história intelectual no Brasil. A autora passou quase três décadas vivendo e estudando na França e quando retornou ao Brasil, em meados dos anos 1990, inseriu-se na Universidade Federal do Paraná, onde formou alunos, publicou textos e liderou um grupo de pesquisa.

Palavras-chave: trajetória profissional; História Intelectual; Helenice Rodrigues da Silva.

Abstract: this article summarizes the production of Helenice Rodrigues da Silva, in order to highlight its importance to the promotion and practice of intellectual history in Brasil. Helenice lived and studied for almost thirty years in France, and when returned to Brazil in the 1990s, became affiliated to the Universidade Federal do Paraná, institution in which participated in activities such as training students, production of texts and coordination of research groups.

Key words: Professional Experience; Intellectual History; Helenice Rodrigues da Silva.

A história intelectual e a história dos intelectuais ainda são pouco praticadas no Brasil. A grande maioria dos trabalhos resulta de esforços individuais (com a publicação de artigos e livros) e coletivos (propiciados, especialmente, em função do trabalho de grupos de pesquisa), além dos esforços empreendidos em algumas dissertações e teses de certos programas de pós-graduação do país e de alguns poucos eventos e livros coletivos – a exemplo dos textos organizados por Marcos Antônio Lopes (2013, 2010, 2007, 2003), Jurandir Malerba (2013, 2010, 2007, 2006, 1998), João Feres Júnior e Marcelo Jasmin (2006) e Estevão Rezende Martins (2010). As traduções de textos básicos ainda são escassas e a maior parte das contribuições vem de trabalhos coletivos que passaram a ser produzidos em maior escala a partir dos anos 1990 e que resultaram na organização de grupos de pesquisa e na reunião de coletâneas de textos – como a que foi organizada por Marcos Antônio Lopes (2003) em *Grandes nomes da história intelectual*. Nesse contexto, a trajetória de Helenice Rodrigues da Silva é muito representativa para percebermos como a história intelectual e a história dos intelectuais foram recebidas e têm sido praticadas no Brasil.

¹ Professor adjunto do Curso de História na UEMS. Doutor em História pela UFPR, onde está fazendo estágio de pós-doutorado.

A importância deste tipo de estudo está em destacar como certos tipos de abordagens são apreendidos e adotados em locais diferentes dos quais elas se originaram. Ao aferirmos tal processo, o estudioso pode refletir e questionar por que a historiografia internacional ainda mantém tamanho impacto sobre a produção nacional. Além disso, é possível verificar como uma profissional formada no Brasil foi aprofundar sua formação no exterior e, ao retornar, buscou divulgar e ensinar certa abordagem e seus desdobramentos teóricos e metodológicos no país, a exemplo da história intelectual em sua acepção francesa.

1. Do Brasil para a França: uma prática de pesquisa em formação

A trajetória de Helenice Rodrigues da Silva começou em Belo Horizonte, onde nasceu em 17 de agosto de 1947, e se completou em Curitiba, cidade em que veio a falecer em 9 de maio de 2013, aos 65 anos. Em Belo Horizonte, Helenice fez sua formação inicial e se graduou em História, em 1970, aos 23 anos, pela Universidade Federal de Minas Gerais. Nas poucas entrevistas que concedeu, ela não se estende sobre o período de sua formação, nem como essa experiência a marcou, ou que tipo de escrita da história se praticava e se ensinava no curso no final dos anos 1960, quando fez a graduação.

No entanto, é mais fácil conjecturar o período por intermédio de outras análises, o que, entretanto, não nos favorece o bastante porque não temos como averiguar em que medida o contexto sociocultural, as leituras e as práticas de pesquisa do curso lhe foram impactantes ou, ao menos, importantes. Afora saber que o momento acirrava-se com o avanço da censura propagada pela Ditadura Militar (1964-1985), especialmente por intermédio do Ato Institucional número 5, que cassou vários professores universitários (mas isso se estendeu mais a São Paulo e Rio de Janeiro, sendo seu impacto menor em Minas Gerais); que este foi igualmente o momento em que o marxismo, em termos teórico-metodológicos e políticos, se inseria subterraneamente pelos cursos das Ciências Humanas e Sociais, assim como o estruturalismo francês, por intermédio das obras de Louis Althusser, Nicos Poulantzas, Pierre Bourdieu, Jean-Claude Passeron e Michel Foucault (apesar dos últimos três serem mais identificados com o pós-estruturalismo e até se deslocarem completamente do movimento ao longo dos anos 1980), que viria a marcar a

formação de vários profissionais ao longo dos anos 1970 e 1980, quando então suas primeiras obras seriam traduzidas no país. (CARDOSO; VAINFAS, 1997, 2012)

Tais aspectos não elucidam quase nada sobre a trajetória inicial de Helenice Rodrigues, mas, com essas poucas indicações, podemos inquirir se vieram a lhe instigar a continuar sua formação em Paris, local em que ficou nos vinte anos seguintes (e que já lhe instigava culturalmente, pelas origens familiares). Como ela nos informa, em entrevista concedida a Marcos Antônio Lopes, o momento também era favorável, em função dos “trinta anos gloriosos” vividos pela Europa entre 1945 e 1975,² abrindo oportunidades para latino-americanos darem prosseguimentos aos seus estudos e tentarem oportunidades de trabalho fora de seu país de origem. Tal como nos indica:

A conjuntura era, portanto, favorável às viagens de estudos ao exterior. Desde os meus primeiros anos na universidade brasileira, tencionava prosseguir os estudos na França, país com o qual me sentia culturalmente mais próxima. Terminada a graduação, obtive uma bolsa (algo raro, na época, nas ciências humanas) do Ministère de l'Education francês, para fazer uma especialização em história da França contemporânea. (SILVA, 2004, p. 231)

A França seria o local onde, de fato, ela estabeleceria as outras etapas de sua formação profissional (mestrado e doutorado) e onde permaneceria por quase 25 anos consecutivos, até retornar ao Brasil, em 1996.

2. Da França para o Brasil: uma prática de pesquisa em aprendizado

A chegada à França no início dos anos 1970, para fazer uma especialização, abriu novos horizontes no campo profissional e pessoal de Helenice Rodrigues da Silva. Após concluí-la em 1973, com um trabalho sobre a política colonial francesa na III República, ela começou a se preparar para fazer o mestrado. Em 1974 começou o curso sob a orientação de Frédéric Mauro. Quando concluiu o trabalho

² Os “trinta anos gloriosos”, de 1945 a 1975, representam o momento em que a Europa, após a Segunda Guerra Mundial, viveu um momento de grande desenvolvimento econômico e social, no qual o Estado de bem estar social assegurava as garantias de emprego e este havia em relativa abundância para a população. Daí as oportunidade abertas, inclusive, para os latino-americanos irem à Europa para estudar, viver e trabalhar. Somente depois da crise do petróleo, a partir de 1973, tal contexto começou a mudar, em função da recessão econômica e das dúvidas quanto às garantias de emprego e sobre a estabilidade econômica e social na Europa. Para maior detalhamento da questão, ver Hobsbawm (1995).

em 1978, versando sobre “o pan-germanismo e as missões militares estrangeiras no Brasil anteriores à Primeira Guerra Mundial”, ela ainda não havia se direcionado para o campo de estudos da história intelectual, apesar de já começar a ter como foco a análise de alguns letrados e de seus escritos.

Foi no período em que fez seu doutorado, entre 1986 e 1991, com Jean-Jacques Becker, que ela definiu melhor seu interesse pelo estudo da história intelectual. Em sua tese, buscou verificar o discurso da revista *Esprit e Temps Modernes* sobre a guerra da Argélia e, como indica, trabalhando “com a História Intelectual, ou seja, com o discurso intelectual e o engajamento político contra a guerra da Argélia, percebi minhas deficiências em termos filosóficos, sociológicos e linguísticos.” (SILVA, 2004, p. 232) Limitações que vinha procurando corrigir, quando foi pesquisadora visitante na *Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales*, EHESS, na França, entre 1985 e 1986, ou quando esteve no *Centre National de Recherche Scientifique*, entre 1990 e 1996, como pesquisadora associada. Durante esse período ainda procurava fazer os cursos de Georges Duby, Michel Foucault, Cornelius Castoriadis e Pierre Rosanvallon, ministrados no *Collège de France*. Nesses espaços também começou a desenvolver relações profissionais e de amizade com Michel de Certeau, François Dosse, Paul Ricoeur, Jacques Revel e Roger Chartier. Em suas palavras:

Em termos intelectuais e humanos, admirava a modéstia de Georges Duby, a abertura de espírito de Michel de Certeau, a capacidade de síntese de Paul Ricoeur. Essas três qualidades me pareciam indissociáveis da condição de um verdadeiro intelectual. (SILVA, 2004, p. 232)

Portanto, em meio a tal experiência de “exílio”, foi definindo seus campos de pesquisa e, como menciona, “a necessidade permanente de provar, face às afirmações identitárias, as suas potencialidades” era também um dos motivos que a levavam a perceber “a vida intelectual francesa, marcada pelo dinamismo de sua produção e pela intensidade dos debates políticos e filosóficos, [e que lhe] exercia grande atração e interesse”. (SILVA, 2004, p. 232) Com base nessas discussões, publicou uma versão de sua tese, em 1995, pela editora L’Harmattan (infelizmente ainda não traduzida para o português), na qual discute o fenômeno do engajamento

político e seus desdobramentos intelectuais nas pautas de discussões das revistas *Esprit* e *Temps Modernes*, contra a guerra da Argélia. (SILVA, 1995)

Note-se que durante todo o período em que esteve definindo sua formação na França, Helenice Rodrigues não deixou de manter contato com o Brasil, tampouco deixou de publicar textos em revistas brasileiras. Em 1986, ela divulgaria parte do trabalho que desenvolveu em sua dissertação de mestrado na revista *Varia História*, onde destacou a análise de um acontecimento histórico por intermédio de sua apreciação na imprensa, que foi a missão militar estrangeira no Brasil em 1910. (SILVA, 1986) No mesmo ano, ela mostraria as novas tendências da historiografia francesa dos anos 1980, em texto divulgado na *Revista Brasileira de História*. (SILVA, 1986b) Ao longo dos anos 1990, ela foi concomitantemente publicando artigos e resenhas na França e no Brasil, versando sobre a obra de Roger Chartier, François Dosse e Georges Duby (SILVA, 1992, 1993, 1998c), além de começar a inquirir a “crise” que se alastrava na escrita da história praticada na França e que era fundamentada pelo movimento dos *Annales*, que então se encontrava em franco declínio, em função das mudanças epistemológicas do conhecimento histórico e da prática de pesquisa em nível mundial, e que só a partir daquele período começava a ser estudada e comentada pela historiografia francesa – que então começava a se abrir para a historiografia internacional. (SILVA, 1995b, 1998b, 2002)

Deve-se destacar, ainda, que mesmo após retornar ao Brasil, em 1996, ela sempre manteve relações profissionais com a França, inclusive fazendo estágio de pós-doutorado entre 2004 e 2005 no Institut d’Histoire du Temps Présent, o que demonstrava sua preocupação em manter-se atualizada com relação aos debates, bibliografia e abordagens sobre a história intelectual. Evidentemente, para avançarmos nessa análise, devemos verificar seu retorno para o Brasil, depois de quase 25 anos na França, e observarmos como ela começou a divulgar uma prática de história intelectual nas universidades brasileiras.

3. O retorno ao Brasil: uma prática de pesquisa em divulgação

O retorno de Helenice Rodrigues para o Brasil, em 1996, marcou um momento muito fértil de sua atuação profissional, porque foi o período em que começou a divulgar sistematicamente uma prática de pesquisa em história

intelectual, com embasamento teórico e metodológico eminentemente francês. Primeiro, como professora visitante na Universidade de São Paulo, na Universidade de Campinas e na Universidade Estadual Paulista; e, depois, como professora efetiva na Universidade Federal do Paraná (UFPR), a partir de 1998.

Antes desse período, como indicamos, ela havia tido a preocupação de divulgar algumas dessas questões por meio da publicação de resenhas e artigos em periódicos brasileiros (e franceses). Com seu ingresso na UFPR, passou a fazer tal trabalho em meio aos seus cursos de extensão universitária, nas disciplinas que ministrou na graduação e na pós-graduação em História, em congressos (que organizou e/ou que participou apresentando trabalhos) e por meio do grupo de pesquisa em História intelectual, história dos intelectuais e historiografia, criado em 2003, e que liderou junto com o professor Renato Lopes Leite. Entre 2001 e 2013, ela orientou 9 dissertações e 4 teses³, além de ter participado de outras 8 bancas de mestrado e 9 de doutorado. A partir desses pontos nossa meta neste item será o de demonstrar como Helenice Rodrigues instigou, em cursos, apresentações, publicações e orientações, a prática de uma história intelectual no Brasil.

Para ela, o primeiro ponto importante a se pensar é justamente a ideia e o conceito de “intelectual”. Em sua acepção francesa, “intelectual” significa o agente pertencente a determinado campo de atuação, no qual procura questionar seu mundo e seu meio, ao mesmo tempo em que é um autocrítico de sua obra e cujos textos servem-lhe como uma arena de apresentação de debates ao público e como meio de fomentar o esclarecimento e a transformação social. Surgido como uma categoria profissional a partir do “caso Dreyfus”, no final do século XIX, que faz com que a acepção tomada apenas como um adjetivo se torne também um substantivo, para destacar a especificidade de determinadas ações e condutas de indivíduos diante da sociedade, da cultura e da política de sua época, o termo passa a ter autonomia e operacionalidade, definindo certos tipos de ação e posição dos indivíduos diante das coisas e do mundo. Para ela, o “substantivo ‘intelectual’”, até então inexistente na língua francesa, surge inesperadamente nesse momento para

³ Esses trabalhos versaram em sua grande maioria sobre a formação da identidade paranaense, por meio do estudo dos letrados e como suas obras e ações contribuíram para a conformação de tal processo histórico e social no Paraná ao longo dos séculos XIX e primeiras décadas do XX.

designar, de maneira pejorativa, os partidários da revisão do processo envolvendo o capitão Dreyfus”. (SILVA, 2002, p. 15) Nesse sentido, uma

conotação pejorativa assimila o “intelectual” ao intelectual de esquerda, ou seja, a todos aqueles que, exercendo um trabalho de pensadores e já tendo adquirido certa notoriedade, se colocam a serviço da comunidade nacional, em nome de princípios universais: a defesa da “verdade” e da “justiça”. (SILVA, 2002, p. 15)

Com isso, a ação do intelectual exprime-se como uma intervenção direta no espaço público, ao inquirir os problemas e tomar determinada posição nas contendas de sua época.

Com o mesmo cuidado, Helenice Rodrigues procurava esclarecer outro ponto relevante: a relação entre história intelectual e história dos intelectuais, que não é meramente uma diferenciação entre estudo de movimentos e análise da trajetória de determinados sujeitos. Mas sim, que enquanto a história intelectual toma como base o estudo de movimentos para repensar a ação dos intelectuais neles inseridos (como a autora procurava mostrar ao estudar os *Annales*, o “maio de 1968”, o estruturalismo, ou o pós-estruturalismo), a história dos intelectuais procura pensar o movimento, a época ou a sociedade, por meio da análise circunstanciada da trajetória de um (ou vários) indivíduo (como destacou ao visitar a obra de Charles Seignobos, de Jacques Revel,⁴ de Roger Chartier, de Pierre Bourdieu, ou de François Dosse). Por isso, esclarece que apesar de suas especificidades, história intelectual e história dos intelectuais constituem mais um movimento dialético, em torno do qual o estudioso busca esmiuçar as tomadas de posição dos indivíduos num dado contexto sociocultural. (SILVA, 2012, 2010b, 2010c, 2010d, 2008c, 2007) E, de acordo com ela, no “que diz respeito às temáticas a serem desenvolvidas, a história intelectual e a história dos intelectuais (brasileira) oferece um leque de possibilidades”. (SILVA, 2004, p. 233) Mas, para ser feita uma abordagem adequada, o estudioso deve estar atento à feitura de uma análise sincrônica e diacrônica do objeto; quer dizer, deve efetuar a “abordagem de um espaço cultural e de um tempo histórico, o que implica no cruzamento de linhas diametralmente opostas” (SILVA, 2004, p. 233), ou mais precisamente, por ser uma temática mal definida e desenvolvida, a história intelectual é interdisciplinar, plural e híbrida em

⁴ O texto escrito por Helenice Rodrigues sobre Jacques Revel foi concluído em fevereiro de 2013 e está publicado neste número de *Cultura histórica & Patrimônio*.

suas opções teóricas e metodológicas. (SILVA, 2006, 2003b, 2003g, 2003h) Mais precisamente:

[...] o que, para mim, é fundamental na história intelectual: o cruzamento entre análises sincrônicas e diacrônicas, entre um espaço de atuação profissional e as possibilidades de produção de uma obra ao longo do tempo e suas discussões e limitações, ou seja, entre texto e contexto de produção.⁵

Para ela, devemos também ter o cuidado de verificar alguns pontos importantes para pensar a história intelectual e poder praticá-la, notando: 1. Que o neologismo “intelectual” designa uma vanguarda cultural e política a inquirir as razões de Estado; 2. Que ao lado dessa acepção está a de “intelectual engajado” – definido por Julien Benda e Jean-Paul Sartre; 3. Que além dessas duas diferenciações há uma terceira, na qual é reivindicada a função de “intelectual dissidente”, por falar em seu próprio nome e intervir em causas pontuais – como notou Michel Foucault em sua obra e ações. (SILVA, 2002, p. 14-17) Assim vistos esses três pontos, ela nota a importância da obra de Pierre Bourdieu (2011, 2009, 2001, 1996, 1996b) para se pensar os “campos”, o “capital simbólico”, o “*habitus*” e os “bens simbólicos”, e tais instrumentais serem promissores para a prática de uma história intelectual, muito embora sua estrutura teórica e metodológica tenha pontos frágeis a serem levados em consideração na análise proposta pelos pesquisadores – além do fato já destacado acima, quanto ao seu pluralismo e interdisciplinaridade teórica e metodológica. Em suas palavras:

Embora emitindo certas reservas em relação ao determinismo dos conceitos, consideramos eficazes os suportes teóricos da sociologia da cultura e dos intelectuais de Pierre Bourdieu, na prática da história intelectual. A lógica dos “campos” é inerente à compreensão do conjunto de uma determinada sociedade intelectual. Em termos analíticos, um “campo” pode ser definido, superficialmente, como uma rede ou uma configuração de relações objetivas entre posições. Essas posições são definidas objetivamente na sua existência e nas determinações que elas impõem a seus ocupantes, agentes ou instituições. Nas análises de Bourdieu, a vida intelectual (que funciona segundo regras específicas) desenvolve-se como um “campo magnético”, onde os “agentes criadores” ocupam posições bem determinadas que correspondem à sua situação social e a seu “capital simbólico”, e que intervêm numa economia de “bens

⁵ Texto inédito escrito entre fevereiro e março de 2013 e que deverá ser publicado em 2014 como prefácio da tese de Diogo Roiz.

simbólicos” (as publicações, por exemplo). Sabemos que os conceitos só adquirem sentido no interior de um sistema de relações. Assim, a apreensão do “campo” intelectual pressupõe a análise do *habitus* (aquisições e disposições) dos seus agentes. Isso significa levar em conta os diferentes sistemas de disposições adquiridos pelos agentes por meio da interiorização de um tipo determinado de condições sociais e econômicas. (SILVA, 2002, p. 27)

Ao destacar tais pontos, a autora também procurava mostrar, em meio a sua prática de pesquisa, como eles podem ser úteis na análise histórica de indivíduos e sociedades no tempo, bem como no estudo de “movimentos intelectuais” desde o seu surgimento até o seu declínio. Como ao mostrar os desdobramentos do “Maio de 1968” na França e no mundo (SILVA, 2002, 2012), ou a “crise de consciência histórica” pela qual passou a historiografia francesa no final dos anos 1980 (SILVA, 2007, 2000, 1998b), ou mesmo ao abordar as obras de Hannah Arendt, Raymond Aron, Paul Ricoeur, Claude Lefort, Pierre Bourdieu, Georges Duby, François Dosse, Jacques Revel ou Roger Chartier. (SILVA, 2010c, 2010d, 2006b, 2004b, 2003c, 2001b, 2001c, 2000b, 1993)

Devemos notar ainda que, ao experimentar tais abordagens, a autora foi instigada a estudar o fenômeno das comemorações/rememorações e das identidades culturais e políticas (SILVA, 2008c, 2004d, 2003f, 2001) e a adentrar na questão dos “exilados”. (SILVA, 2011, 2010, 2009, 2008d, 2007b) No que diz respeito aos “exilados” brasileiros e chilenos, a temática ainda lhe instigava, por ser ela própria também uma “exilada”, com uma trajetória profissional marcada entre o Brasil e a França. Justamente por isso ela pôde observar com maior propriedade a questão e destacar a especificidade do olhar do “exilado” em relação ao seu país de origem, quanto às suas mudanças e continuidades políticas, econômicas, sociais e culturais.

E foi em meio aos seus estudos sobre movimentos, autores e obras, que ela notou a importância da teoria das “transferências culturais”. (SILVA, 2010e) Para ela, esse tipo de abordagem é promissora para se pensar a transposição de saberes de um espaço cultural para o outro, no qual o contexto sociocultural que dá origem àquele saber é desconsiderado no novo espaço onde é apropriado. Por isso, é importante o estudo das traduções de obras, a seleção de textos estrangeiros a serem estudados num dado período, ao passo que outros são descartados. A teoria

das “transferências culturais” também privilegia estudos com enfoques cruzados e conectados, comparando realidades diversas e momentos específicos. Para ela:

[...] a “história cruzada”, ou seja, a “história relacional”, visa significar entidades, pessoas e práticas intelectuais, colocando em relação as formações sociais, culturais e políticas, em escala sobretudo nacional. Consequentemente, esse método torna-se uma “caixa de ferramentas” para se pensar a circulação de ideias e do conhecimento. Ora, o fenômeno das conexões e das interpenetrações culturais é comum a todos os países do mundo, especialmente nesse momento interativo das chamadas globalizações. (SILVA; KOHLER, 2008, p. 17)

Desenvolvido por Michel Espagne e Michaël Werner, o estudo das “transferências culturais” servem para transpor as barreiras oferecidas pela história nacional e projetar uma história global, em função de suas análises cruzadas e conectadas do objeto. (SILVA, 2010e, p. 204-208)⁶ Com isso, “os objetos de análise são os mais distintos possíveis: os processos de seleção, de mediação, de recepção, de mestiçagem, de tradução, de migração, de intercâmbio, etc.” (SILVA, 2010e, p. 208) Mas não é o simples “interesse de se exportar as ideias” que determina a relevância do estudo das transferências culturais, ao contrário, “é a conjuntura do contexto receptor que, em geral, define, em um determinado momento, o que pode e deve ser importado”. (SILVA, 2010e, p. 220) Por isso mesmo, é a “conjuntura da recepção que determina o que merece ser importado pelos indivíduos e pelos grupos que transportam, de um lado ao outro de uma “fronteira”, elementos de um sistema para o interior de outro sistema”. (SILVA, 2010e, p. 217) Daí a importância dos exilados, que como “agentes mediadores”, exercem ao longo da história a função de “passadores entre culturas”. Por outro lado:

[...] cada tradição historiográfica nacional se apropria, não sem defasagem cronológica, de proposições oriundas das historiografias ditas centrais. As chamadas “École des Annales” e a “nouvelle histoire” [...] migraram tardiamente para o Brasil, pouco antes do início de seu declínio (na França]). Razão pela qual a corrente dos Annales perdurou tanto tempo neste país, após ter desaparecido em diferentes partes do mundo. [...] Aliás, desde meados dos anos 1980, seus próprios historiadores vinham diagnosticando seu

⁶ Tome-se como exemplo os estudos empreendidos por BERND, 2003; SILVA, KOHLER, 2008; ROIZ, SANTOS, 2012.

enfraquecimento, em razão, notadamente, da crise das ciências sociais e dos novos modelos epistemológicos, anunciadores de seu próprio desmantelamento. (SILVA, 2010e, p. 223)

A importância de seus comentários não está apenas em circunstanciar modelos operacionais para estudar a história intelectual brasileira, mas antes em demonstrar as defasagens de nossa historiografia, em seus processos de apropriação de teorias e metodologias. Quando o movimento dos *Annales*, e a prática de uma “história das mentalidades” estavam no auge no Brasil, em fins dos anos 1980 e meados dos anos 1990, foi que Helenice Rodrigues retornou para o país. Com o olhar do “exilado” que viveu o auge e o declínio de tal historiografia, foi que ela, pautando-se também na obra de François Dosse (1994), procurava destacar as fragilidades de tal abordagem, num momento em que esta era ainda uma coqueluche nacional. Nesse caso, sua interpretação antecipava um debate que só se estendeu na década seguinte e ainda está em processo no Brasil, especialmente, diagnosticando a propriedade e as contradições da “Nova História Cultural”. (CARDOSO; VAINFAS, 1997) Lamentavelmente sua obra ficaria inacabada⁷, e como destacamos em outra oportunidade:

Sobre a questão profissional, recordo-me de três coisas, que infelizmente, até onde sei, ficaram inacabadas. Primeiro, um projeto que a Helenice falava de estudar as trajetórias de Sérgio Buarque de Holanda e de Octavio Paz, e ver como ambos construíram suas visões sobre a democracia para as Américas. Segundo, um projeto para pensar as “transferências culturais” na historiografia brasileira, a partir das obras traduzidas no começo dos anos 1970. E, terceiro, mais uma ideia, que ela me disse após escrever um texto sobre Jacques Revel (ainda inédito, e que deverá sair no final do ano numa coletânea), que era fazer um estudo sobre a constituição do campo da História no Brasil, por meio da análise da compreensão teórica e conceitual que os profissionais do período faziam a respeito dos termos: disciplina, teorias, conteúdos históricos, recorte temporal. Além disso, a Helenice também estava começando a planejar uma segunda jornada de estudos (tal como a que organizou em agosto de 2012), com profissionais brasileiros e estrangeiros; e pretendia receber François Dosse, neste segundo semestre, para o lançamento de uma obra na UFPR. (ROIZ, 2013, p. 5)⁸

⁷ Em 2014 deverá sair o último livro organizado por Helenice Rodrigues da Silva, sob o título de *Circulação das ideias e reconfiguração dos saberes*, e que foi o resultado de congresso que ela organizou em 2012: “I Jornada de estudos interdisciplinares e transculturais”.

⁸ Texto escrito para o Boletim informativo do PET/História da UFPR, em homenagem a professora Helenice Rodrigues da Silva e outros colegas. (ROIZ, 2013, p. 5) O Boletim pode ser acessado na íntegra em: <http://pethistoriaufpr.files.wordpress.com/2010/02/boletim-homenagens-pet.pdf>

Em todos esses pontos, a obra que Helenice Rodrigues da Silva nos deixou é um convite à reflexão. Com “modéstia”, “abertura” e “capacidade de síntese” (qualidades indispensáveis ao “verdadeiro intelectual”, como ressaltou em vários momentos), ela fez o exercício de uma intelectual engajada, com um olhar crítico sobre as tradições historiográficas e seus desdobramentos políticos, nos quais os processos de “transferências culturais” não deixam de fazer parte de um jogo complexo no mercado historiográfico internacional, onde “hegemonia” e “relações de força” ainda são critérios indispensáveis para definir o que deve ou não ser pesquisado entre um espaço historiográfico nacional e outro.

Considerações finais

Nesse texto procuramos sintetizar a trajetória profissional de Helenice Rodrigues da Silva, com o objetivo de demonstrar sua contribuição para a divulgação e a prática de uma história intelectual em nosso país.

Vimos como se deu sua formação inicial no Brasil e seu aprofundamento na França, e que contribuíram para que ela formasse, como “exilada”, maior percepção da realidade e das contradições da sociedade brasileira, e inquirisse a especificidade da formação de nossos letrados e de suas obras. Com isso, vimos como ela procurou definir um arcabouço teórico e metodológico eminentemente francês para pensar a prática de uma história intelectual no Brasil. Nesse processo, a autora viu a pertinência da teoria das “transferências culturais” para estudar as relações entre historiografia brasileira e francesa, no que diz respeito à leitura e apropriação de autores e obras, bem como no processo de escolha de tradução de obras (e de exclusão de outras).

Nisso também pudemos observar que sua obra acabaria ficando inacabada, com projetos em desenvolvimento e hipóteses a serem vislumbradas. Desse modo, o texto pretendeu contribuir para a divulgação de uma obra criativa e instigante, que nos trouxe problemas e temáticas a serem ainda pensadas e estudadas no Brasil pela historiografia nacional.

BIBLIOGRAFIA**Textos de Helenice Rodrigues da Silva**

SILVA, Helenice Rodrigues da. A Crise da Consciência Histórica e a Posição da Disciplina História No Campo Intelectual Francês. *Diálogos*, Maringá, v. 2, p. 52-67, 1998b.

_____. A gênese da sociologia crítica de Pierre Bourdieu. *Revista Espaço Acadêmico* (UEM), v. 1, p. 1-10, 2010d.

_____. A História como "a representação do passado": a nova abordagem da historiografia francesa. In: CARDOSO, Ciro F.; MALERBA, Jurandir (orgs.). *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papyrus, 2000. p. 81-99.

_____. A história Intelectual: algumas considerações. *Temas & Matizes*, Cascavel, v. 4, 2003g.

_____. A história intelectual em questão. In: LOPES, Marcos A. (org.). *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003b. p. 15-25.

_____. A História Revisitada? *Os 500 anos do descobrimento do Brasil. Portugal-Brasil: uma visão interdisciplinar do século XX*. Coimbra: Quarteto, 2003e. p. 351-366.

_____. A renovação historiográfica francesa após a "guinada crítica". In: MALERBA, Jurandir; AGUIRRE ROJAS, Carlos A. (orgs.). *Historiografia contemporânea em perspectiva crítica*. Bauru: Edusc, 2007. p. 167-186.

_____. A questão política na perspectiva de Claude Lefort: algumas notas de referência. *História. Questões e Debates*, Curitiba, v. 31, p. 115-128, 2000b.

_____. A violência na História e a legitimidade da desobediência civil. *História. Questões e Debates*, Curitiba, v. 35, p. 43-60, 2001d.

_____. Charles Seignobos. In: MALERBA, Jurandir. (org.). *Lições da história: o caminho da ciência no longo Século XIX*. Porto Alegre: FGV Editora/EdiPUCRS, 2010b, v. 1. p. 375-391.

_____. Crise Ideológica e Produção Intelectual: Esquemas de Pensamento Próprio A Uma Situação Histórica. *Cadernos de História*, PUC - Belo Horizonte, v. 1, p. 45-53, 1995b.

_____. Cultura, culturalismo e identidades: reivindicações legítimas no final do século XX?. *Tempo - Revista do Departamento de História da UFF*, Rio de Janeiro, v. 9, n.17, p. 173-192, 2004d.

_____. Da colonização à descolonização: as mutações nas ciências sociais e humanas na França. In: DORÉ, A; SILVÉRIO LIMA, L.F.; SILVA, L.G. (orgs.). *Facetas do império - métodos e conceitos*. São Paulo: Hucitec, 2008c. p. 107-134.

_____. Diálogos com os intelectuais: entrevista com Helenice Rodrigues da Silva. *Revista Mediações* (UEL), Londrina, v. 9/1, p. 231-236, 2004.

_____. Entre memória e história: a comemoração dos 60 anos da Liberação de Paris. *Espaço Acadêmico*, Maringá/PR, 2004c.

- _____. Entre memória e história em P. Ricoeur. In: LOPES, Marcos A. (org.). *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003c. p. 434-439.
- _____. *Fragmentos da história intelectual: entre questionamentos e perspectivas*. Campinas: Papyrus, 2002.
- _____. Georges Duby: L histoire continue. *Hermès* (Paris), v. 10, p. 266-270, 1992c.
- _____. Impostures Intellectuelles. *História. Questões e Debates*, Curitiba, v. 29, p. 175-179, 1998c.
- _____. Intellectual: entre mitos e realidades. *Espaço Acadêmico*, Maringá, v. 29, p. 3-65, 2003h.
- _____. Le temps de l'action. Le discours d'Esprit et des Temps Modernes sur les réseaux de soutien au FLN. *Hermès* (Paris), v. 8/9, p. 179-187, 1992.
- _____. Les reportages de Zuenir Ventura sur la campagne électorale de Lula. *Hermès* (Paris), v. 8/9, p. 59-69, 1992b.
- _____. Les tensions entre la France et l'Allemagne: les missions militaires en Amérique Latine. *Caravelle* (Toulouse), v. 34, p. 34-50, 1986c.
- _____. L'exil des intellectuels brésiliens et chiliens en France lors de dictatures militaires: histoire croisée. In: MUZART, I; ROLLIN, D. (dir.). *L'exil brésilien en France histoire et imaginaire*. Paris: L Harmattan, 2008d.
- _____. L'expérience des intellectuels chiliens et brésiliens en France durant les dictatures militaires. In: GALLORO, P. D. (org.). *L'exil des sud-américains en Europe francophone*. Nancy: Presses Universitaires de Nancy, 2011. p. 185-203.
- _____. L'Intellectuel Provisoirement légitime: François Mauriac et le discours religieux du politique. *Revista de História* (USP), São Paulo, v. 137, p. 66-74, 1998.
- _____. Maio de 68 na França: inflexões históricas. In: BARBOSA, C. (org.). *Teoria da história e historiografia: debates pós-68*. Recife: Editora Massangana, 2012.
- _____. Modelo de análise de um acontecimento histórico através da imprensa: a missão militar estrangeira no Brasil, em 1910. *Varia História*, v. 2, p. 37-47, 1986b.
- _____. Narrar, transmitir, representar: o testemunho de um sobrevivente (judeu e resistente) dos campos de concentração nazistas. *Anos 90* (UFRGS. Impresso), v. 15, p. 221-252, 2009.
- _____. Novas tendências na historiografia francesa nos anos 80. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 6, n.12, p. 231-238, 1986.
- _____. O exílio dos intelectuais e os intelectuais exilados. In: RODRIGUES, H; KOHLER, H. (orgs.). *Travessias e cruzamentos culturais - a mobilidade em questão*. Rio de Janeiro-RJ: FGV Editora, 2008b. p. 23-45.
- _____. Os exílios dos intelectuais brasileiros e chilenos, na França, durante as ditaduras militares: uma "história cruzada". *Nuevo Mundo-Mundos Nuevos*, v. 7, p. 5791, 2007b.
- _____. O Fenômeno das Comemorações como objeto de análise histórica. *Espaço Plural* (Unioeste), v. 7, p. 19-20, 2001.

_____. O intelectual no "campo" cultural francês - Do "Caso Dreyfus" aos tempos atuais. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 21, p. 395-413, 2005b.

_____. O interlocutor do poder: Raymond Aron e sua concepção de militância durante a guerra da Argélia. *Espaço Acadêmico*, n. 58, 2006b.

_____. O retorno dos exilados chilenos e brasileiros da França: um novo exílio no país de origem?. In: SANHUEZA, Carlos; PINEDO, Javier. (orgs.). *La patria interrumpida: latinoamericanos en el exilio, siglos XVIII-XX*. Santiago: LOM-Editorial, 2010. p. 105-119.

_____. O tempo refletido (entrevista com François Dosse). *Diálogos*, Maringá, v. 5, p. 81-86, 2001c.

_____. Pensar o acontecimento: Hannah Arendt. In: DUARTE, A; LOPREATO, C.; MAGALHÃES, M. (Orgs.). *A banalização da violência: a atualidade do pensamento de Hannah Arendt*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004b, p. 109-123.

_____. Pensar um mundo em declínio: Hannah Arendt e a questão do mal. *História & Perspectivas*, Uberlândia, v. 23, p. 35-49, 2001b.

_____. Rememorações/ Comemorações: As utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 1, n.44, p. 425-439, 2003f.

_____. Resistência civil contra regimes autoritários: o exemplo da imprensa alternativa no Brasil. In: SZESZ, C; RIBEIRO, M. M.; LEITE, R. L. (orgs.). *Portugal-Brasil no século XX: sociedade, cultura e ideologia*. Bauru: EDUSC, 2003, p. 87-106.

_____. Roger Chartier: L'ordre des livres. *Hermès* (Paris), v. 11-12, p. 364-368, 1993.

_____. Roger Chartier. In: LOPES, Marcos A.; MUNHOZ, Sidnei (orgs.). *Historiadores do nosso tempo*. São Paulo: Alameda, 2010c. p. 301-319.

_____. Questionamentos sobre a escrita da História no presente: exemplos na historiografia francesa. In: PIRES, A. J.; GANDRA, E. A.; COSTA, F. L.; SEBRIAN, R. (orgs.). *História, linguagens, temas: escrita e ensino da História*. Guarapuava: Unicentro, 2006. p. 11-23.

_____. *Texte Action et Histoire: Réflexions Sur Le Phénomène de L'Engagement*. Paris: L'Harmattan, 1995.

_____. Transferências de saberes: modalidades e possibilidades. *História. Questões e Debates*, v. 53, p. 203-225, 2010e.

_____. Une culture de la résistance: la presse alternative au Brésil dans le cadre du régime militaire. *Revue du Brésil Contemporain - Centre de Recherche Contemporain*, Paris, CRBC/EHESS, n.55/56, p. 41-54, 2005.

SILVA, Helenice Rodrigues da; KOHLER, H. (orgs.). *Travessias e cruzamentos culturais - a mobilidade em questão*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2008.

Outras referências

BERND, Zilá. *Americanidade e transferências culturais*. Porto Alegre: Movimento, 2003.

- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: Edusp, 1996.
- _____. *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b.
- _____. *Homo Academicus*. Santa Catarina: Editora da UFSC, 2011.
- _____. *Meditações Pascalianas*. Tradução de Sérgio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- _____. *O senso prático*. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2009.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- _____. (orgs.). *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Campus, 2012.
- DOSSE, François. *A história em migalhas*. Dos Annales à Nova História. Tradução de Dulce A. Silva Ramos. São Paulo: Ensaio; Campinas: Edunicamp, 1994.
- FERES Jr., João; JASMIN, Marcelo G. (orgs.). *História dos conceitos*. Debates e perspectivas. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- HOBBSAWM, Eric J. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LOPES, Marcos A. (org.). *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003.
- _____. (org.). *Ideias de história: de Maquiavel a Herder*. Londrina: Eduel, 2007.
- LOPES, Marcos A.; BENTIVOGLIO, J. (orgs.). *A constituição da História como ciência: de Ranke a Braudel*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- LOPES, Marcos A.; MUNHOZ, Sidnei J. (orgs.). *Historiadores de nosso tempo*. São Paulo: Alameda, 2010.
- MALERBA, Jurandir (org.). *A história escrita*. Teoria e história da historiografia. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. (org.) *A velha história: teoria, metodologia e historiografia*. Campinas: Papyrus, 1998.
- _____. *Lições de história: da história científica à crítica da razão metódica no limiar do século XX*. Porto Alegre: Edipucrs, FGV Editora, 2013.
- _____. (org.). *Lições de história: o caminho da ciência no longo século XIX*. Porto Alegre: Edipucrs, FGV Editora, 2010.
- MALERBA, Jurandir; AGUIRRE ROJAS, Carlos A. (org.). *Historiografia contemporânea em perspectiva crítica*. Bauru: Edusc, 2007.
- MARTINS, Estevão R. (org.). *A história pensada: teoria e metodologia na historiografia europeia do século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010.
- ROIZ, Diogo S.; SANTOS, J. R. *As transferências culturais na historiografia brasileira: leituras e apropriações do movimento dos Annales no Brasil*. Jundiá: Paco Editorial, 2012.

Artigo recebido em 10 de novembro de 2013. Aprovado em 30 de novembro de 2013.